O ensino coletivo de instrumento musical: o violão

Luziene Ferreira de Sousa
luzienelu@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho apresenta a importância do Ensino Coletivo de Instrumento Musical na educação básica, tendo o violão como instrumento escolhido. Acreditamos na importância da inserção do ECIM nas escolas públicas na rede de educação básica, onde os alunos começam a ter oportunidade de estudar um instrumento musical como parte integrante do ensino regular. Especificamente na cidade de Goiânia, a primeira experiência documentada de ECV, realizado em escolas de educação básica, começou a ser desenvolvido no ano de 2005 pelo professor Fábio Amaral da Silva Sá em uma escola estadual de educação básica. Hoje o ECV já é realidade em várias escolas da Rede Estadual de Educação do Estado de Goiás, de acordo com informações fornecidas pela própria Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte do Estado de Goiás (SEDUCE), no ano de 2016.

Palavras-chave: Ensino Coletivo de Instrumento Musical. Educação Básica. Goiânia.

Introdução

No século XIX na Europa surgiu o Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ECIM) como uma nova proposta de educação musical (CRUVINEL, 2005; MONTANDON, 1992). No Brasil, os primeiros experimentos que se tem notícia realizados de forma sistematizada por meio do ECIM surgem no final da década de 1950, com o professor José Coelho de Almeida, quando passa a organizar bandas musicais em fábricas no interior de São Paulo.

Na cidade de Goiânia, a primeira experiência documentada de ECV, realizado em escolas de educação básica, começou a ser desenvolvido no ano de 2005 pelo professor Fábio Amaral da Silva Sá em uma escola estadual de educação básica.

Este trabalho tem o objetivo de apresentar a utilização do violão, como uma das ferramentas de ensino coletivo de instrumento musical nas escolas públicas na rede de educação básica, na cidade de Goiânia, Goiás.

O ensino coletivo de instrumento musical

A partir do surgimento na Europa, no século XIX, do Ensino de Piano em Grupo (MONTANDON, 1992) e do Ensino Coletivo de Cordas (CRUVINEL, 2005), a nova proposta do ECIM foi ganhando adeptos, além da Europa, também nos Estados Unidos da América (EUA),

devido à facilidade de atender vários alunos de uma só vez além de promover um convívio social e obter uma boa lucratividade. O lucro proveniente das Academias que difundiam o Ensino Coletivo de Cordas vinha das mensalidades, venda de instrumentos musicais e métodos utilizados nas aulas.

Sobre o termo Ensino Coletivo de Instrumento ou Ensino em Grupo, não há um consenso, sobre qual o termo correto e que "[...] ainda não foi possível encontrar definições mais específicas da diferença entre as duas abordagens de ensino, ficando a cargo de cada educador considerar a sua prática de acordo as suas convicções ou ao termo mais utilizado no seu instrumento" (SOUZA, 2014, p. 1). Neste trabalho utiliza-se o termo "ensino coletivo" por ser o termo mais utilizado na bibliografia pesquisada.

Montandon (2005, p. 47) *apud* SOUZA (2014, p. 2), esclarece que "observando a variedade de modelos, podemos deduzir que definições sobre "ensino coletivo" ou "ensino em grupo" são particulares e múltiplas, podendo se referir a diferentes objetivos, formatos, metodologias e população alvo [...]".

Em relação à metodologia do ECIM, Oliveira *apud* CRUVINEL (2005, p. 69), "[...] acredita que a metodologia coletiva tem sido de fundamental importância em muitos aspectos, tais como a criação e o desenvolvimento de orquestras em escolas públicas [...]". Para Cruvinel (2005) a prática do ensino coletivo de instrumentos musicais é recomenda para turmas iniciantes, atingindo bons resultados nos dois primeiros anos de ensino.

O ensino coletivo de instrumento musical no Brasil

No Brasil, alguns autores como: Barbosa (1996), Braga (2009), Cruvinel (2005, 2008, 2011), Galindo (2000), Leme (2012), Montandon (1992), Oliveira, E. A. J. de (1998), Oliveira, P. A. D. de (2010), Silva Sá (2016) e Tourinho (2002, 2008, 2014) têm se dedicado ao estudo e à pesquisa da temática de ECIM. A revisão de literatura revela que essa modalidade de ensino vem ganhando espaço em projetos sociais, escolas de educação básica e também no ensino superior, contribuindo para a democratização do ensino de música em nosso país.

No Brasil colonial, segundo Cruvinel (2005, p. 70) podemos considerar "[...] que o ensino coletivo de instrumentos musicais teve início a partir das primeiras bandas de escravos, ainda no período colonial [...]". A autora também afirma que outros grupos como

bandas oficiais, grupos de choro, fanfarras e samba tiveram sua origem das bandas de negros tornados escravos.

O trabalho de Alberto Jaffé e sua esposa, na década de 70, foi um dos mais importantes para o ECIM. Eles trabalharam com o Ensino Coletivo de Cordas - violino, viola, violoncelo e contrabaixo. Alguns músicos que haviam sido alunos do professor Jaffé, tentaram dar continuidade ao seu trabalho, mas os esforços não conseguiram atingir bons resultados. Alberto Jaffé e sua esposa foram os pioneiros nessa modalidade no Brasil.

Silva Sá (2016) afirma que:

> Da década de 1950 aos dias atuais, o Brasil avançou de maneira positiva para a aceitação e consolidação do ECIM, o que pode ser observado tanto através da presença constante de trabalhos publicados em eventos e periódicos científicos, que abordam a temática na área de educação musical, como a criação do Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais (ENECIM). (SILVA SÁ, 2016, p. 25).

A criação de um evento nacional destinado a compartilhar experiências e pesquisas sobre a temática, com certeza foi um dos pontos positivos que veio contribuir para uma melhor aceitação dessa modalidade de ensino musical no país e consequentemente um motivador de novos professores de música a se aventurarem a conhecer e trabalharem com o ECIM.

O Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ENECIM) foi realizado pela primeira vez em Goiânia no ano de 2004 e

> [...] vislumbra reunir educadores musicais e pesquisadores para discutir questões referentes ao Ensino Coletivo, tais como: metodologias e experiências no Brasil; o Ensino Coletivo de Instrumento Musical na Educação Básica e no Ensino Especializado; o Ensino Coletivo de Instrumento Musical como forma de inserção e transformação social; projetos socioculturais e o ensino coletivo. (CARVALHO, 2016, p. 1).

Já foram realizadas sete edições do ECIM desde o ano de 2004, um evento que se tornou referência para os professores que trabalham com essa modalidade de ensino no Brasil.

O ensino coletivo de violão

Um dos objetivos do ensino coletivo de violão é ensinar aos alunos a tocarem o instrumento interagindo com os colegas, onde todos aprendem a tocar o mesmo repertório de forma simultânea, podendo assim, em pouco tempo subir ao palco e realizar uma primeira apresentação musical. No caso específico do Ensino Coletivo de Violão (ECV), pode-se trabalhar o repertório musical tanto por acompanhamento harmônico, tanto por meio da cifra e das levadas rítmicas, onde todos tocam a mesma coisa ao mesmo tempo, ou executar arranjos instrumentais com divisões de vozes.

Para as autoras Braga & Tourinho (2013, p. 148), a essência do ECV "[...] acontece quando existe um professor que trabalha com diversos indivíduos no mesmo espaço físico, horário, e que várias pessoas aprendem conjuntamente a tocar a mesma peça, na maioria das vezes, repertório solo".

Para Silva Sá (2016, p. 25), o ECV objetiva "[...] levar o ensino da música a uma maior quantidade de alunos; isso ocorre principalmente em projetos sociais, cursos de extensão e escolas de educação básica".

No Brasil, a primeira experiência documentada com o ECV foi realizada na Oficina de Violão da UFBA. No ano de 1989 realizou-se

> [...] a primeira experiência de ensino coletivo de violão para os candidatos que tocavam (ou não), mas não liam partitura. Com o apoio da direção à ideia, foram ministradas aulas coletivas para uma turma única de quase 30 pessoas, de forma completamente empírica. Logo a seguir, a criação do Mestrado Acadêmico (1990) em Educação Musical iria colaborar de maneira decisiva para a consolidação desta modalidade de ensino". (BRAGA & TOURINHO, 2013, p. 148).

Podemos citar outras experiências bem-sucedidas que surgiram no Brasil com projetos de ECV como: 1) "Projeto Guri" da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, criado no ano de 1995, em que o ECV surge como uma das modalidades oferecidas pelo projeto, que tem como objetivo trabalhar a sociabilidade e a autoestima dos alunos por meio das aulas de música; 2) Projeto "Orquestra Cidades" criado pelo Maestro Claudio Weizmann, por meio da Lei de Incentivo à Cultura do Governo Federal. Iniciado em 2001, o projeto foi implementado em três cidades no interior de Goiás: Catalão, Niquelândia e Barro Alto, objetivando atender 120 adolescentes em cada cidade e montar no prazo de um ano uma Orquestra de Violões em cada cidade (SILVA SÁ, 2016).

O ensino coletivo de violão na Educação Básica

Acreditamos na importância da inserção do ECIM nas escolas públicas na rede de educação básica, onde os alunos começam a ter oportunidade de estudar um instrumento musical como parte integrante do ensino regular. Sabemos que para conseguir uma vaga em uma escola específica de música de forma gratuita, requer participar de um processo seletivo amplamente concorrido, sendo que nas escolas particulares os valores cobrados geralmente são altos para alunos de baixa renda. Diante dessa realidade, acreditamos na importância do ensino coletivo nas escolas públicas, que pode atingir um número maior de alunos e despertar o interesse para o estudo da música de uma forma mais específica no futuro.

A escola de educação básica estadual é um espaço democrático de ensino em que o ECIM, e especificamente o ECV, pode ser uma das formas viáveis de se contemplar o ensino dos conteúdos musicais nas escolas de educação básica como prevê a Lei n. 11.769/2008 (BRASIL, 2008).

Silva Sá (2016) relata a existência de projetos de Ensino Coletivo de Violão (ECV), bem-sucedidos em escolas públicas de Educação Básica no Brasil: 1) Projetos de ECV realizados, a partir de 2005 no contraturno, em escolas na rede estadual do Estado de Goiás; 2) O projeto Violão na Escola, iniciando em 2007 na cidade de Teresina – PI; e 3) o Projeto Orquestra de Violões nas Escolas, realizado desde 2012 em escolas estaduais do Estado do Espírito Santo.

Especificamente na cidade de Goiânia, a primeira experiência documentada de ECV, realizado em escolas de educação básica, começou a ser desenvolvido no ano de 2005 pelo professor Fábio Amaral da Silva Sá em uma escola estadual de educação básica. A partir dessa primeira experiência, o ECV passou a ser implementado em várias escolas da rede estadual no decorrer dos anos, tanto por meio de projetos de contraturno escolar, como também por disciplinas ofertadas de forma eletiva dentro do currículo (SILVA SÁ, 2016).

Hoje o ECV já é realidade em várias escolas da Rede Estadual de Educação do Estado de Goiás, de acordo com informações fornecidas pela própria Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte do Estado de Goiás (SEDUCE), no ano de 2016, o ECV foi

oferecido em 24 escolas da rede na cidade de Goiânia, objetivo de estudo desta pesquisa.

Desafios e possibilidades do ECIM

A proposta de ensino musical por meio do ECIM no Brasil é muito recente, e como toda nova proposta pedagógica enfrenta desafios a serem superados através de pesquisas, estudo sistemático e empenho dos professores envolvidos. Para Tourinho (2014, p. 164) "[...] a luta é pelo espaço para se ensinar música e as condições encontradas são salas de aulas comuns, com quadro e cadeiras, sem aparelho de som, vídeos e instrumentos produzidos comercialmente". Nesta sessão será abordado tanto desafios como possibilidades de se trabalhar com o ECIM.

A formação dos professores

Segundo Tourinho (2007, p. 1) "a maioria dos professores de música atuantes em escolas especializadas, universidades e conservatórios é oriunda do modelo tutorial de ensino, com uma formação que valorizava o contato professor-estudante". Ou seja, um processo de formação instrumental em que impera aulas individuais de instrumentos musicais. Desse modo, dificilmente um professor em sua formação acadêmica recebe os subsídios teóricos e práticos necessários para sair da universidade preparado para trabalhar com o ECIM.

A realidade das escolas de educação básica é bem diferente dos conservatórios, universidades e escolas especializadas de música. Na educação básica o professor não irá trabalhar com aulas individuais de instrumentos musicais, mas sim, com turmas de 30 a 40 alunos e/ou projetos de contraturno escolar que deve atender uma grande quantidade de alunos na mesma aula. A vivência pautada principalmente em aulas tutoriais e o pouco ou quase inexistente contato com processos pedagógicos de ECIM durante a formação acadêmica, pode ser um dos fatores que justifique o receio de alguns professores enfrentarem o desafio de trabalharem com essa modalidade de ensino. A autora ainda afirma que "o mito da atenção exclusiva é bastante forte no ensino tutorial e a ele se contrapõe a crença do ensino coletivo, de que é possível compartilhar conhecimento, espaço, e que a interação e a diferença são partes importantes do aprendizado" (TOURINHO,

2007, p. 1).

Há muitos desafios de se trabalhar de forma coletiva o ensino de violão. Sobre essa dificuldade, Barbosa (2015, p. 3) afirma que "[...] o professor deve estar preparado corretamente para ensinar o violão de maneira coletiva, principalmente no que diz respeito ao planejamento das aulas, pois isso pode ser uma dificuldade para professores que tem a formação de bacharéis e não de licenciados". O professor é um agente fundamental nessa modalidade de ensino e deve saber lidar com turmas grandes e pequenas. Também saber lidar com a falta de estrutura física das escolas públicas, como falta de salas apropriadas para o ECV e música, de materiais adequados e apoio da própria escola.

Para Cruvinel (2005) "[...] o perfil do educador musical que atua com o ensino coletivo de instrumentos musicais é o de um profissional estudioso, versátil, com uma formação mais ampla (principalmente com alguma experiência com regência)" (Ibid., p. 93).

Penna (2007, p. 6) acredita que "[...] a formação do professor não se esgota apenas no domínio da linguagem musical [...]", mas também nos conhecimentos pedagógicos.

Para a autora, o professor de música deve ter a capacidade de assumir e responder produtivamente o:

> Compromisso social, humano e cultural de atuar em diferentes contextos educativos; Compromisso de constantemente buscar compreender as necessidades e potencialidades de seu aluno; Compromisso de acolher diferentes músicas, distintas culturas e as múltiplas funções que a música pode ter na vida social" (PENNA, 2007, p. 6).

Bezerra (2014, p. 54) nos mostra que "o processo de formação articula diversas fontes de competências, tais como: saberes formalizados, habilidade e experiência". Dessa forma, há uma necessidade por parte do professor, de uma formação inicial e continuada, não se limitando apenas ao conhecimento musical, assim confirmando os autores citados acima sobre a formação do professor.

Assim, o professor que não atua como mero transmissor de conteúdos, mas interage com os seus colegas, alunos e outros profissionais, buscando sempre melhorar a sua prática de ensinar e conhecer novos materiais didáticos, poderá trabalhar melhor os seus alunos.

Bezerra (2014, p. 54) acredita que a formação do professor é um processo "[...]

desenvolvido pelos professores ao longo de suas trajetórias, desde a escolarização básica, passando pela formação profissional e ação na instituição escolar, onde aqueles profissionais exercem e aprendem sua profissão, construindo 'formas de viver o trabalho e de se identificar com a profissão".

A falta de material didático

Para Silva Sá (2016) ainda há pouco material didático dirigido para o ECV publicado no Brasil. A maioria dos professores que trabalham com essa modalidade, fazem adaptações de outras formações instrumentais ou passam a escrever os seus próprios arranjos para utilizarem em suas aulas coletivas de violão. O autor faz uma análise dos materiais publicados no Brasil e relata em sua dissertação de mestrado que

> Foram encontrados apenas três materiais em que os próprios autores os conceituam como destinados a aulas coletivas de violão: Oficina de Violão: volume 1 - Cristina Tourinho e Robson Barreto (2003); Violão Orquestral: volume I - metodologia do ensino coletivo e 20 arranjos completos para orquestra de violões - Cláudio Weizmann (2003); Na Ponta dos Dedos: exercícios e repertórios para grupos de cordas dedilhadas - Marcelo Brazil (2012); Optou-se por incluir na análise, além desses três materiais didáticos, mais dois, que mesmo não sendo direcionados à iniciação musical por meio de aulas coletivas de violão, apresentam arranjos instrumentais que podem ser utilizados como material de apoio nessa modalidade de ensino: Em Conjunto - André Campos Machado (2002a, 2002b, 2002c); Minhas Primeiras Cordas - André Campos Machado (2007);

Assim, consta-se uma carência de materiais didáticos direcionados para ECV e espera-se que em breve novas publicações cheguem no mercado contribuindo com os professores que trabalham com essa modalidade de ensino.

De acordo com Santos (2014, p.13), os "[...] professores escolhem o material didático através dos objetivos da aula, dos conteúdos a serem trabalhados e/ou da faixa etária dos alunos". Dessa forma os professores do ECV, fazem adaptações ou arranjos das músicas para trabalhar com os alunos.

As aulas de violão têm mais procura por parte dos alunos do que outros instrumentos musicais, devido o violão ser um instrumento de fácil aquisição, de ser encontrado em várias lojas de instrumentos musicais, de ser transportado com mais

facilidade do que outros instrumentos musicais e de se adequar às músicas, principalmente a brasileira. Ainda há muita utilização de materiais didáticos como revistas de músicas cifradas, vídeos na *internet*, CD's e DVD's, solicitados por alunos que muitas vezes não têm acesso ao ECV nas escolas públicas. Professores também se utilizam desses materiais em suas aulas ou mesmo para o próprio aprendizado, depois repassando ao aluno.

Como o ECV ainda é novo e vem se desenvolvendo de forma mais tímida, há uma busca por materiais próprios que possam trabalhar especificamente com essa modalidade de ensino, seja com cifra/partitura, mostrando a beleza e a diversidade desse instrumento que é o violão.

A escolha do repertório musical

A escolha de um repertório adequado para o ECV, não é fácil, pois deve se levar em conta alguns fatores como: o trabalho a se desenvolver, a realidade dos alunos, as limitações e dificuldades de todo o grupo e a motivação musical.

As autoras Braga & Tourinho (2013, p. 151) afirmam que "[...] boa parte das escolas possui repertórios definidos em seus programas de instrumento e que em algumas esse programa pode ser inflexível [...]". Essa inflexibilidade muitas vezes acaba gerando a desmotivação do aluno em continuar com as aulas de música. As autoras afirmam que o professor pode fazer interferências planejadas no ensino de música e que também podem mesclar músicas conhecidas e sugeridas pelos alunos, com o repertório proposto pela escola. Essa forma faz com que os alunos fiquem motivados para estudar o seu instrumento musical pois há um contato com o novo material musical, agregando à bagagem que cada aluno já possui.

Essa motivação também se dá porque "por ser um instrumento harmônico no qual se tocam facilmente dois acordes, o violão se presta de forma magnifica para fazer música desde a primeira aula" (BRAGA; TOURINHO, 2013, p. 149).

Braga & Tourinho (2013), acreditam que a motivação ao repertório, seja uma das vantagens para o ensino coletivo de violão e que tem influência na avaliação e no resultado dos alunos iniciantes, assim relatam sobre a experiência que vivenciaram em 1993 no curso de extensão da UFBA.

A escolha do repertório também envolve as linguagens que o professor irá utilizar como cifras, partituras ou leituras alternativas. Assim o professor conversando com os alunos, sabendo os gostos musicais de cada um, tem a possibilidade de montar o seu repertório, onde terá a participação dos alunos e as músicas por ele incluídas no seu planejamento. O professor do ECV, deve ter abertura e flexibilidade ao trabalhar com essa modalidade de ensino. Havendo essa troca de informações entre professor e aluno e a participação ativa dos educandos, perceberá uma motivação de ambas as partes.

Que cada professor ao trabalhar com essa modalidade de ensino, esteja preparado a trabalhar o novo, a criatividade, a inovação e incentivar a participação dinâmica e ativa dos seus alunos. Mesmo que o professor já tenha um repertório pronto, ele pode pedir sugestões dos alunos, quanto aos arranjos e a forma de executar cada música.

A contribuição com a formação humana

Tourinho (2008, p. 1) afirma que os seus colegas professores acreditam no "[...] poder da música como agente transformador do ser humano [...]". Nessa perspectiva há também uma boa possibilidade de modificar cada um ao seu tempo.

Também podemos verificar que na formação humana e desenvolvimento da personalidade o ECIM possibilita

> [...] uma maior interação do indivíduo com o meio e com o outro, estimula e desenvolve a independência, a liberdade, a responsabilidade, a auto-compreensão, o senso crítico, a desinibição, a sociabilidade, a cooperação, a segurança e, no caso específico do ensino da música, um maior desenvolvimento musical como um todo. (CRUVINEL, 2005, p. 80).

Outro fator benéfico do ECIM para o aluno é a autoestima, que quanto mais alta, mais rendimento e produção terá o aluno no seu aprendizado. Isso se dá a partir do momento em que o aluno se sente parte do grupo e realizado (CRUVINEL, 2005).

Diante dessas colocações positivas do ECIM na transformação humana do aluno, há ainda o trabalho em equipe e aqueles que sabem mais, ajudam os colegas, sob a supervisão de um professor e a eliminação de horários vagos, porque na falta de um aluno, os outros estarão na aula (TOURINHO, 2007).

Também podemos perceber que no trabalho musical, o educador estimula os

alunos nas suas potencialidades, como pensar e agir criticamente (CRUVINEL, 2005). Não só o fazer musical em si. Pois há possibilidade de se trabalhar a música, trabalhando alguns aspectos culturais. Para Cruvinel (2005, p. 47) "[...] a música é uma das manifestações culturais que sempre esteve presente na vida do homem".

Hoje vivemos em uma sociedade contemporânea, onde há uma diversidade e tendências musicais muito grande. Ao professor cabe a ele ser o mediador e o agente transformador na formação humana, através da música.

As vantagens e as desvantagens do ECIM

Silva Sá (2016, p. 38), afirma que o ECV "[...] ancora-se em diferentes referenciais teóricos que tratam da temática de ECIM no Brasil, dos processos cognitivos provenientes da psicologia da música e em concepções pedagógicas [...]". Dessa forma, percebemos quanta contribuição significativa em um todo, se tem ao trabalhar o ECIM.

Vamos mostrar, de acordo com Cruvinel (2005), as vantagens e desvantagens do ECIM. (*vide* quadro 1, abaixo).

Quadro 1 – Vantagens e desvantagens do ECIM, fonte Cruvinel (2005).

VANTAGENS		**DESVANTAGENS**	
1	Interação entre os alunos.	1	Desenvolvimento de cada aluno não é o mesmo.
2	Desenvolvimento do repertório.	2	O ECIM serve para a iniciação do aprendizado.
3	Afinação do grupo.	3	Metodologia ainda está sendo testada para se trabalhar no nível pós-iniciação.
4	Desenvolvimento do ouvido harmônico.	4	Periodicidade das aulas.
5	Economia do tempo.		
6	Baixa desistência.		
7	Melhora na autoestima.		
8	Estímulo e disciplina.		
9	Cooperação .		
10	Desenvolvimento da desinibição.		

Fonte: Elaborada pelo autor

Através do quadro acima, verificamos a predominância das vantagens do ECIM.

Com isso, podemos comprovar através da autora, que essa modalidade de ensino, é vantajosa e traz benefícios a todos os envolvidos. Assim, podemos resumir as vantagens em: formação musical, interação e socialização.

Como a maioria dos alunos da rede pública não têm acesso a escolas particulares de música, o ECIM se torna uma forma de iniciação ao estudo musical, onde se tem a possibilidade às linguagens musicais, ensinadas pelo professor. Essa formação musical, acontece muitas vezes com aulas teóricas e também com as práticas musicais, na qual o aluno poderá se aprofundar, gradativamente com aulas individuais.

O indivíduo tem necessidade de interagir e socializar no meio em que vive. O ECIM, traz essa possibilidade, pois como se trabalha com turmas grandes, os alunos, através do professor que além de ensinar é um facilitador, tem a oportunidade de interagir com os colegas, trocando informações e sociabilizando.

Sobre as desvantagens do ECIM, o que percebemos que é recomendado nos anos iniciais do aprendizado e depois cada aluno continua os seus estudos de forma individual. Também, há desigualdade no desenvolvimento dos alunos, pois o professor muitas vezes não tem condições de atender cada aluno individualmente, durante as aulas.

Percebemos que o ECIM é uma das formas que os alunos da rede pública têm acesso ao ensino de música, através da iniciação instrumental. Com isso, a escola ainda promove a socialização e interação dos alunos.

Considerações Finais

Acreditamos na importância da inserção do ensino coletivo de instrumento musical nas escolas públicas na rede de educação básica, onde os alunos começam a ter oportunidade de estudar um instrumento musical como parte integrante do ensino regular.

O desenvolvimento da proposta do ensino coletivo de instrumento musical na rede pública estadual em Goiás, faz com que os alunos tenham mais possibilidades de continuar os seus estudos no violão, em uma escola especializada, visando até mesmo o ensino superior em música. Assim, a escola estará exercendo o seu papel em poder oferecer aos alunos conhecimentos básicos e o professor como o intermediador desse conhecimento.

Acreditamos que novas pesquisas sobre o ensino coletivo de instrumento musical, possam trazer novas contribuições para a área.

Referências

BARBOSA, Joel Luís. Considerando a Viabilidade de Inserir Música Instrumental no Ensino de Primeiro Grau. **Revista da Abem**, Salvador, v. 3, n. 3, p. 39-50, 1996.

BARBOSA, Robert Ruan de Oliveira. **Ensino coletivo de violão:** o perfil do professor, suas metodologias e estratégias organizacionais para o ensino no Programa Mais Educação nas escolas públicas municipais de Manaus. Universidade Federal do Amazonas UFAM. In: XXV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA. Vitória, 2015.

BEZERRA, Verônica Gurgel. **Os professores de instrumentos e suas ações nas escolas Parque Brasília:** Uma pesquisa descritiva. 2014. 194 f. Dissertação (Mestrado em Música e Contexto)-Universidade de Brasília – UnB, Instituto de Artes – IdA, Departamento de Música – MUS Programa de Pós-Graduação.

BRAGA, Paulo David Amorim. **Oficina de violão: estrutura de ensino e padrões de interação em um curso coletivo à distância**. 2009. 320 f. Tese (Doutorado em Educação Musical)-Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

BRAGA, Simone; TOURINHO, Cristina. **Um por todos ou todos por um:** processos avaliativos em música. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.

CARVALHO, Tiago. VII ENECIM – Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical, 18/07/2016. Universidade Federal do Ceará, Curso de Licenciatura em Música, Campus Sobral. Disponível: http://www.musicasobral.ufc.br/v2/?p=653. Acesso em 27/01/2017.

CRUVINEL, Flávia Maria. **Educação musical e transformação social:** uma experiência com ensino coletivo de cordas. Goiânia: ICBC, 2005.
_____. **O Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais na Educação Básica:** compromisso com a escola a partir de propostas significativas de Ensino Musical. In: CONGRESSO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ABEM, 8., 2008, Brasília. **Anais...** Brasília: ABEM, 2008.
_____. Talento musical: orientações para educação básica. In: SANTOS, Wanderley Alves dos (Org.). **Talento e ensino.** Goiânia: Editora Vieira, 2011. p. 107-123.

GALINDO, João Maurício. **Instrumentos de arco e ensino coletivo:** a construção de um método. 2000. 180 f. Dissertação (Mestrado em Musicologia)-Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

LEME, Luís Santiago Malaga. **Práticas informais no ensino coletivo de sopros: um experimento no Guri**. 2012. 227 f. Dissertação (Mestrado em Musicologia)-Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MONTANDON, Maria Isabel. **Aula de piano e ensino de música:** análise da proposta de

reavaliação da aula de piano e sua relação com as concepções pedagógicas de Pace, Verhaalen e Gonçalves. 1992. 171 f. Dissertação (Mestrado em Música)-Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

OLIVEIRA, Enaldo Antonio James de. **O ensino coletivo dos instrumentos de corda:** reflexão e prática. 1998. 202 f. Dissertação (Mestrado em Musicologia)-Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, Pedro Augusto Dutra de. O ensino coletivo de instrumento musical: explorando a heterogeneidade entre alunos de uma mesma turma. **Revista Espaço Intermediário**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 19-30, 2010.

PENNA, Maura. **A formação inicial do professor de música:** por que uma licenciatura? Universidade Estadual da Paraíba, 2007.

SANTOS, Bruno Vilela dos. **Materiais didáticos para o ensino do violão:** um estudo com um professor em uma escola livre de música de Governador Valadares – MG. 2014. 38 f. (Trabalho de Conclusão de Curso)-Universidade de Brasília – UnB Decanato de Ensino de Graduação Universidade Aberta do Brasil - UAB Instituto de Artes - IDA Departamento de Música Curso de Licenciatura em Música à Distância, Brasília, 2014.

SILVA SÁ, Fábio Amaral da. **Ensino Coletivo de Violão:** uma proposta metodológica. 2016. 256 f. Dissertação (Mestrado em Música)-Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SOUZA, Luan Sodré de. **Ensino coletivo de Instrumentos Musicais:** algumas considerações. Trabalho apresentado no VI Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical 25 a 28 de novembro de 2014. Salvador, BA.

TOURINHO, Cristina. **A motivação e o desempenho escolar na aula de violão em grupo:** influência do repertório de interesse do aluno. Ictus, Salvador, n. 4, p. 157-271, 2002.
_____. **Ensino coletivo de instrumentos musicais:** crenças, mitos, princípios e um pouco de história. Trabalho apresentado no XVI ENCONTRO NACIONAL DA ABEM e no CONGRESSO REGIONAL DA ISME, América Latina, 2007.
_____. Desafios atuais para o ensino coletivo de violão: um relato pessoal. In: ZORZAL, Ricieri Carlini; TOURINHO, Cristina (Org.). **Aspectos práticos e teóricos para o ensino e aprendizagem da performance musical.** São Luís: EDUFMA, 2014. p. 144-169.
_____. O Ensino Coletivo de Violão na Educação Básica e em Espaços Alternativos: utopia ou possibilidade? In: ENCONTRO REGIONAL DA ABEM CENTRO-OESTE, 8., 2008, Brasília. **Anais...** Brasília: Associação Brasileira de Educação Musical, 2008. Disponível em :<http://pt.scribd.com/doc/102696943/Artigo-Ana-Tourinho> Acesso em: 10 Jul. 2016.